



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

CARLA DE ARAÚJO ALBUQUERQUE SOUZA

**A CIRANDA DAS MULHERES SÁBIAS:
UMA ANÁLISE ARQUETÍPICA DA PERSONAGEM AVÓ EM ESTÉS.**

**CAMPINA GRANDE
2023**

CARLA DE ARAÚJO ALBUQUERQUE SOUZA

**A CIRANDA DAS MULHERES SÁBIAS:
UMA ANÁLISE ARQUETÍPICA DA PERSONAGEM AVÓ EM ESTÉS.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentadoa / ao Coordenação / Departamento do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título deGraduada em Letras.

Área de concentração: Literatura contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729c Souza, Carla de Araujo Albuquerque.

A Ciranda das Mulheres Sábias [manuscrito] : uma análise arquetípica da personagem avó em Estés / Carla de Araujo Albuquerque Souza. - 2023.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC. "

1. Literatura. 2. Arquetipos. 3. Cultura. 4. Análise literária.

I. Título

21. ed. CDD 801.95

CARLA DE ARAÚJO ALBUQUERQUE SOUZA

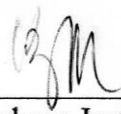
A CIRANDA DAS MULHERES SÁBIAS: UMA ANÁLISE ARQUETÍPICA DA
PERSONAGEM AVÓ EM ESTÉS.

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado / a Coordenação /
Departamento do Curso de
Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura
contemporânea.

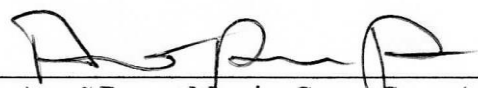
Aprovada em: 16/03/2023.

BANCA EXAMINADORA



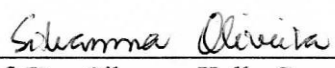
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

8,0



Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

8,0



Prof. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

8,0

Dedico ao meu Deus e a minha família, que me deram
força para alcançar este propósito na minha vida.

Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a nossa liberdade seja a nossa própria substância.

Simone de Beauvoir

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. ARQUÉTIPOS: O INCONSCIENTE PRESENTE NO COTIDIANO.....	08
3. A AVÓ NA LITERATURA: UM LUGAR DE SABEDORIA E RESPEITO....	11
4. A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM AVÓ: OS ARQUÉTIPOS EM CONTEXTO.....	12
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
6. REFERÊNCIAS.....	17

A CIRANDA DAS MULHERES SÁBIAS: UMA ANÁLISE ARQUETÍPICA DA PERSONAGEM AVÓ EM ESTÉS

CARLA DE ARAÚJO ALBUQUERQUE SOUZA

RESUMO

A literatura tem o papel de compartilhar conhecimentos culturais e sociais, tornando-se uma ferramenta de comunicação, um espaço que apresenta uma reflexão sobre o comportamento e as atitudes humanas em sociedade. Desse modo, pode assumir uma função de denúncia, crítica ou interação social, isso permite encaminhar o leitor pelo mundo do imaginário, enaltecendo a sensibilidade humana. Portanto, o objetivo desta investigação é fazer uma análise literária da personagem avó, a partir dos preceitos junguiano, nas crônicas “*as árvores filhas*” e “*Las abuelitas: as grandes vovozinhas. A velha mítica. De que modo ela é perigosa? De que modo é sábia? Ela é mutilada. Cresce de novo. Ela morre. E cresce de novo. Ela ensina as jovens a fazer o mesmo. Acrescentar audácia. Acrescentar dança*”, no livro *A Ciranda das Mulheres Sábias* de Clarissa Pinkola Estés, e assim descobrir a importância desse arquétipo para a construção social da imagem avó na literatura. A metodologia utilizada foi exploratória com procedimento bibliográfico. A investigação foi subdividida em três capítulos: o primeiro trata-se de uma síntese sobre a psicanálise junguiana em relação aos arquétipos, o segundo está focado na análise da construção arquetípica da personagem avó e o terceiro mostra a importância da personagem da avó na literatura contemporânea. Nosso aporte teórico é fundamentado em Jung (2000), Pearson (2001), Corrêa (2016), entre outros. Concluiu-se que o estudo da personagem da avó nesta obra é relevante para a literatura, pois elenca a construção da psiquê feminina, permitindo ao leitor uma reflexão entre arquétipos, mito e cultura.

Palavras-chave: Literatura. Arquétipos. Cultura. Análise Literária.

ABSTRACT

Literature has the role of sharing cultural and social knowledge, becoming a communication tool, a space that presents a reflection on human behavior and attitudes in society. In this way, it can assume a function of denunciation, criticism or social interaction, this allows the reader to be guided through the world of the imaginary, praising human sensitivity. Therefore, the objective of this investigation to do literary analysis the grandmother character, from the Jungian precepts, in the chronicles “*the daughter trees*” and “*Las abuelitas: the great grannies. The mythical old woman. How is she dangerous? How is it wise? She is mutilated. Grows again. She dies. And it grows again. She teaches young women to do the same. Add audacity. Add dance*”, in the book *A Ciranda das Mulheres Sábias* by Clarissa Pinkola Estés, and thus discover the importance of this archetype for the social construction of the grandmother image in literature. The methodology used was exploratory with a bibliographic procedure. The investigation was subdivided into three chapters: the first is a synthesis of Jungian psychoanalysis in relation to archetypes, the second is focused on the analysis of the archetypal construction of the grandmother character and the third shows the importance of the grandmother character in contemporary literature. Our theoretical contribution is based on Jung (2000), Pearson (2001), Corrêa (2016), among others. It was concluded that the study of the grandmother's character in this work is relevant to literature, as it lists the construction of the female psyche, allowing the reader to reflect on archetypes, myth and culture.

Keywords: Literature. Archetypes. Culture. Literary Analysis

1. INTRODUÇÃO

O comportamento humano sempre chamou atenção, acreditamos que de acordo com as atitudes das pessoas diante das diversas situações em suas vidas, é possível fazer uma leitura da sua personalidade, contudo, de acordo com os estudos de Jung, o psicanalista precursor da psicanálise analítica, na verdade, nossa personalidade é formada pelos arquétipos. Segundo Jung (2000), os arquétipos são imagens naturais gravadas no espírito humano, e com base nas quais estas formam seus juízos. Ou seja, um modelo pré-estabelecido que está ligado a história e a mitologia, relacionado a psiquê humana.

Os arquétipos são formas típicas de comportamento que, ao se tornarem conscientes, assumem o aspecto de representações, como tudo o que se torna conteúdo da consciência. Porque se trata de modos caracteristicamente humanos, já não é de espantar que possamos encontrar formas psíquicas, no indivíduo, que ocorrem não somente nos antípodas, mas em outras épocas distantes de nós centenas e milhares de anos, às quais estamos ligados unicamente através da Arqueologia. (JUNG, 2000, p. 83).

Os arquétipos são de suma relevância para o estudo da obra *A Ciranda das Mulheres Sábias* de Clarissa Pinkola Estés, isso porque, a autora tem uma formação psicanalítica e vivenciou situações que contribuíram para o desenvolvimento das crônicas, as quais analisaremos nesta investigação, por isso, conhecer um pouco sobre sua história é essencial para compreendermos a construção das personagens.

Clarissa Pinkola Estés nasceu após a segunda guerra mundial, em janeiro de 1945, em uma vila de Indiana, localizado na região Nordeste dos Estados Unidos. Quando pequena, foi posta para adoção e seus novos pais eram imigrantes, isto a permitiu ter conhecimento sobre várias lendas e mitos de outros povos, contados oralmente pelos seus pais que eram analfabetos.

Já adulta, em 1976, graduou-se em psicoterapia na universidade do Colorado e em 1981, tornou-se doutora em psicologia ético-clínica, com ênfase em padrões psicológicos sociais, história indígena e grupos culturais de várias comunidades dos povos originários. Além de tudo isso, a autora trabalhou em uma rádio de Denver, neste programa ela dava orientações com base na formação psicológica de Jung e seus programas foram gravados em fitas, que foram vendidas posteriormente, chamando a atenção das editoras, o que levou a publicação de seus livros.

Desse modo, observamos que Estés traz situações de sua vida, conhecimentos ancestrais para a ficção, para que os seus leitores percebam a relevância da mulher dentro da literatura e dentro da sociedade, ela enfatiza o arquétipo da avó. O livro todo gira em torno deste arquétipo, pois é através da conscientização de que existe um modelo inconsciente muito forte por trás da personalidade e atitude da mulher, que a autora torna legítimo o seu argumento da resistência feminina para enfrentar situações cotidianas.

A simbologia é muito presente nesta obra e os arquétipos são um norteador dentro do contexto literário, porque os padrões do comportamento humano presentes no texto facilitam a comunicação com o leitor, impactando diretamente aqueles leitores que se identificam com o arquétipo da avó, construindo a imagem da personalidade refletida nesta obra.

O arquétipo da avó, estabelece um modelo das várias fases da mulher diante das situações complicadas vivenciadas em sociedade. O livro contribui para o leitor refletir sobre a visão que tem da avó na ficção e na realidade, além da importância dos arquétipos para formação psicossocial das pessoas.

Nos perguntamos então: estudar a construção da personagem avó pode contribuir para uma reflexão leitora sobre as diversas construções da personalidade feminina na literatura contemporânea? Para responder a tal pergunta, foi elaborado a partir do estudo da personagem da avó, nas crônicas: “*as árvores filhas*” e “*Las abuelitas: as grandes vovozinhas. A velha mítica. De que modo ela é perigosa? De que modo é sábia? Ela é mutilada. Cresce de novo.*”

Ela morre. E cresce de novo. Ela ensina as jovens a fazer o mesmo. Acrescentar audácia. Acrescentar dança”, do livro *A Ciranda das Mulheres Sábias*, com o objetivo de analisar a personagem avó, a partir dos preceitos de Jung e assim descobrir a importância desse arquétipo para a construção social da imagem avó na literatura.

O meio para alcançar esse objetivo é detalhado através dos nossos objetivos específicos que são: 1) Explicitar o que é o inconsciente coletivo e quais os arquétipos descobertos por Jung, 2) Expor a importância da personagem da avó na literatura contemporânea, 3) Analisar nas crônicas a formação do arquétipo da avó a partir da construção dos arquétipos em Jung por trás desta personagem.

O desenvolvimento da análise é baseada em uma metodologia com pesquisa exploratória, pois tem a função de mostrar uma visão da perspectiva sobre a representação da personagem avó na literatura por meio das crônicas citadas. Além disso, nossa técnica de aplicação é bibliográfica, pois a pesquisa é feita sob o estudo de artigos científicos, livros entre outros.

O livro *A Ciranda das Mulheres Sábias* (2007), é composto por sete crônicas, dentro delas a autora apresenta a simbologia do arquétipo avó, a partir da especificação da personalidade que apresenta cada avó, além disso, faz uma relação com a natureza em comparação com a força, resistência e enfatiza ao trazer a tona memórias da infância, em que as mulheres precisavam reivindicar os seus direitos, diante de um mundo patriarcalista. A autora ainda apresenta a luta marcada por várias etnias em que a avó é muito importante, como a indígena, que lutava pela natureza e os animais. Por fim, temos uma biografia da autora, mostrando as dificuldades que teve quando criança, revelando a relevância do sofrimento também num aspecto de crescimento.

O nosso trabalho está organizado em quatro tópicos: *introdução*, fazendo um resumo do que vem neste trabalho, *arquétipos: o inconsciente presente no cotidiano*, explicando o que são os arquétipos, como foram descobertos e como são identificados na psiquê humana. *A avó na literatura: um lugar de sabedoria e respeito*, neste capítulo trataremos a importância da avó em outras culturas, enfatizando a imagem da avó predominante na literatura e *A construção da personagem avó: os arquétipos em contexto*, explicitando os arquétipos que formam a personalidade dos diversos tipos de avós presentes nas crônicas selecionadas. Por fim, temos as nossas considerações finais e as referências do material utilizado de suporte para o desenvolvimento deste trabalho.

Nosso aporte teórico principal está fundamentado nos livros do autor Jung C. G. *JUNG: A natureza da Psiquê* (2000), neste livro ele traz principalmente quais são os 12 arquétipos encontrados por eles, também utilizamos o livro: *C. G. JUNG: Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2000), em que ele vai explicar como descobriu o inconsciente coletivo e diferenciando o inconsciente pessoal, também é neste que ele traz os primeiros arquétipos: persona, animus, anima, sombra e self e o livro *C. G. JUNG: o homem e os seus símbolos* (2016), mostrando a simbologia dos objetos. Outro autor muito importante para a construção desta pesquisa foi Margaret Mark e Carol S. Pearson com o livro: *O Héroi e o Fora-da-lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos* (2001), aqui as autoras utilizam os 12 arquétipos de Jung de forma mais direta e uma linguagem simples para trazer os arquétipos para a representação da personalidade humana diariamente conduzindo o leitor a conhecer os perfis e usar na construção de sua vida e de sua empresa.

2. ARQUÉTIPOS: O INCONSCIENTE PRESENTE NO COTIDIANO

O inconsciente é o estado mais profundo da mente em que a pessoa não tem controle, de acordo com Freud, “o conceito do inconsciente limitava-se a designar o estado dos conteúdos reprimidos ou esquecidos [...] nada mais é do que o espaço de concentração desses conteúdos

esquecidos e recalçados, adquirindo um significado prático graças a eles” (Jung, 2000, p.150). Contudo, com o passar do tempo e os estudos de Jung, foi descoberto que existem dois tipos de inconsciente, aquela mais superficial, em que representa as emoções e sentimentos reprimidos por situações vivenciadas pela pessoa, chamadas segundo Jung de *inconsciente pessoal* e o mais profundo chamado de *inconsciente coletivo*.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos*. (JUNG, 2000, p.15).

A palavra arquétipo vem do grego da formação de dois termos: arché (principal)+ tipos (impressão) = primeira ou principal impressão que se tem de algo ou de alguém, ou seja, os arquétipos são um conjunto de modelos, ideias guardadas em nossa memória, fornecendo uma estrutura interna através do nosso inconsciente e automaticamente influenciando na nossa forma de pensar e de agir. Logo, trata-se de um padrão que todas as pessoas utilizam inconscientemente, eles fornecem uma estrutura, mas não uma forma.

O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar [...] O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência. [...] Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas principalmente apenas formas sem conteúdo, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. (JUNG, 2000, p. 53- 54-58).

Ou seja, os arquétipos são produzidos através das experiências vivenciadas ao longo das gerações, ter esse conhecimento é o que permite ao ser humano identificar sua individualização, por meio de estruturas modeladoras do trabalho psíquico, atuando diretamente nas emoções, sentimentos, pensamentos, sensações e atitudes. E durante o estudo, Jung descobriu que se destacaram da consciência individual do eu quatro arquétipos principais: *o persona*, *a sombra*, *o anima e animus* e por fim *o self*.

O *persona* é um arquétipo que significa máscara, isso porque, trata-se da pessoa buscar imitar uma personalidade que acredita ser ideal para o âmbito social em que se encontra. Uma vez vivendo em sociedade, o ser humano tende a querer ser aceito perante os grupos sociais, mantendo uma postura e uma marca registrada que pareça ser mais aceitável diante dos outros indivíduos ao seu redor. As pessoas precisam psicologicamente sentir-se seguras, reconhecidas e obterem afeto. Isso é uma máscara de personalidade, você deixa de ser quem é para ser o que os outros querem que você seja. Tudo isso acontece porque o ser humano não quer se sentir inferior ou menos importante do que as outras pessoas.

Um caso freqüente é a identificação com a *persona*, que é o sistema da adaptação ou estilo de nossa relação com o mundo. Assim sendo, quase todas as profissões têm a sua *persona* característica. O mundo exige um certo tipo de comportamento e os profissionais se esforçam por corresponder a tal expectativa. O único perigo é identificar-se com a *persona*, como por exemplo o professor com o seu manual, o tenor

com sua voz; daí a desgraça. É que, então, se vive apenas em sua própria biografia. [...] poderíamos até dizer que a pessoa é o que não se é realmente, é mas sim aquilo que os outros e a própria pessoa acham que se é. (JUNG, 2000, p.128).

Chegamos agora ao arquétipo chamado *sombra*, este representa o lado obscuro que as pessoas querem esconder, reprimindo em sua consciência, sentimentos de crueldade, fraquezas, vícios, medos e violência com outras pessoas.

Há também outros fatores que podem obcecar o indivíduo de forma decisiva. Entre eles, especialmente importante é a função inferior. Esta problemática não é o lugar adequado para tratar detalhadamente desta. Só quero ressaltar que a função inferior coincide com o lado obscuro da personalidade humana. O obscuro que adere a cada personalidade é a porta de entrada para o inconsciente, o pórtico dos sonhos. Dele saem aquelas duas figuras crepusculares, a "sombra" e a "anima", para entrar na parte noturna do sonho, nas visões oníricas, permanecendo invisíveis, tomam posse da consciência do eu. Um ser humano possuído por sua sombra está postado em sua própria luz, caindo em suas próprias armadilhas. (JUNG, 2000, p.128).

Levando em consideração que estamos falando dos arquétipos que induzem a consciência individual do eu, chegamos aos arquétipos anima e animus, ambos são a representação oposta em nosso inconsciente, enquanto o anima é o lado feminino da psiquê masculina relacionando as experiências ancestrais, manifestando-se na mãe, nas irmãs e na esposa. Esse arquétipo pode trazer o lado positivo que vai deixar este homem mais terno, paciente, criativo e amoroso, e o lado negativo que emerge alterações de humores, caprichos e emoções exageradas. O animus por outra perspectiva é o lado masculino da psiquê feminina, trazendo as vivências da mulher com o sexo masculino, que se projeta no pai, nos irmãos e no esposo. Desse modo, seu lado positivo é a autoconfiança, força e determinação, enquanto o negativo é a rigidez e o autoritarismo.

A possessão provocada pela anima ou animus apresenta entretanto uma outra imagem. Em primeiro lugar, ao dar-se a transformação da personalidade, evidenciam-se os traços do sexo oposto: no homem, o feminino e, na mulher, o masculino. No estado de possessão ambas as figuras perdem seu encanto e seus valores, que só possuem em estado de despreocupação em relação ao mundo (introversão), isto é, quando constroem uma ponte para o inconsciente. Voltada para fora, a anima é volúvel, desmedida, caprichosa, descontrolada, emocional, às vezes demoniacamente intuitiva, indelicada, perversa, mentirosa, bruxa e animus, pelo contrário, é rígido, cheio de princípios, legalista, dogmático, reformador do mundo, teórico, emaranhando-se em argumentos, polêmico, despótico. Ambos têm mau gosto: a anima é cercada de indivíduos medíocres e o animus se presta a pensamentos medíocres. (JUNG, 2000, p.129).

Por fim, chegamos ao self, este arquétipo representa ordem, unificação, organização e depende do ego para organizar a personalidade de cada indivíduo, ele ajuda o consciente a vê os seus erros, permitindo não se esconder e tentar melhorar sem se preocupar com o que a sociedade acha; formulando uma personalidade forte que não é afetada com fatores externos. Este arquétipo é o mais importante porque rebate os outros e torna o ser humano único, responsável por suas atitudes e consequências dos seus atos.

Segundo Jung (2000, p.17), “há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida”, por isso, depois destes foram descobertos muitos outros, entre eles o arquétipo *inocente*, que é aquela pessoa que exerce sua plenitude ao vivenciar a natureza, não vendo maldade nas outras pessoas. *O explorador*, gosta de uma vida cheia de viagens pelo mundo e está sempre inquieto,

buscando algo novo. *O sábio*, busca a verdade absoluta através do processo de informação, é aquele intelectual, detalhista e metódico, gosta de coisas que o faça pensar. *O fora da lei*, é carente, gosta de chamar atenção para si, com métodos que vão da humilhação a obscuridade de sarcasmo e crimes, para passar por cima de todos e conseguir o que deseja.

O mago, catalisa mudanças, é muito tecnológico e possui uma figura associada a alguém que gosta de resolver as coisas, como um curandeiro. *O amante*, a pessoa que cultua a beleza, o romance e o sexo, evoca o prazer, o erótico e atração física. Fora estes, os arquétipos são incontáveis.

3. A AVÓ NA LITERATURA: UM LUGAR DE SABEDOIA E RESPEITO

O arquétipo da avó perpassa por várias culturas e tem uma representatividade que varia de época para época e de um lugar para o outro. De acordo com Jung (2000), a avó, assim como a mãe apresenta mudanças de um povo para o outro.

Como todo arquétipo, o materno também possui uma variedade incalculável de aspectos. Das formas mais características: a própria mãe e a avó; a madrasta e a sogra; uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos [...] Todos esses símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto. Embora a figura da mãe, tal como aparece na psicologia dos povos, seja de certo modo universal, sua imagem muda substancialmente na experiência prática individual. (JUNG, 2000, p.87-89).

A avó é simbolicamente muito importante para várias culturas ao redor do mundo. Segundo MIGUELA, 2001, citado por SILVA, 2015, na cultura africana elas são caracterizadas como alguém que merece respeito por seus conhecimentos e grande conselheira assim como curandeira, essencial para a identidade da cultura africana.

Ela é muito respeitada como transmissora de valores culturais e por sua luta ao longo de toda a vida. Portanto, a avó geralmente representa as seguintes funções dentro da narrativa latina: é um dos principais agentes culturais dentro da comunidade latina e reúne a experiência feminina e o passado cultural. Atua, assim, como memória coletiva feminina, substituindo a história oficial patriarcal, e como memória cultural latina em oposição à cultura dominante anglo-saxã. (MIGUELA, 2001, citado por SILVA, 2015).

Um exemplo desse respeito na literatura africana, com os idosos seja avó ou avô encontramos no conto nas águas do tempo de Estórias Absonhadas de Mia Couto, (1994, p.16), “O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza”.

O avô estava ali explicando ao seu neto uma tradição desse povo, ele não podia ser visitado pelos panos porque seria o fim daquela crença. As crenças que ele aprenderam também nos tempos de *miúdo* estavam guardadas em sua memória e como manda a tradição africana deviam ser passada de geração em geração. O idoso na tradição africana é muito respeitado por ter papel importante de guardião do passado, é o velho que faz a ligação entre o passado e o presente e assim perpetua as tradições. (REZENDE, 2012).

A simbologia da avó na cultura indígena não é muito diferente, esta relacionada a curandeira, a transmissora de conhecimento e autoridade feminina. Muitos são os livros literários que mostram a avó como a anciã que ensina e protege, as autoras Aurita Tabajara, Marcia Kambeba e Eliane Potiguara são exemplos que sempre falam da relevância de suas

avós em sua vida.

No livro *Coração na audeia, pés no mundo* a autora Aurita Tabajara, dos povos originários Tabajara, apresenta em forma de cordel uma autobiografia de sua vida em algumas estrofes que retratam a proteção e os ensinamentos de sua avó.

Foi a primeira netinha
Da vovó boa parteira
Contadora de história;
Também grande mezinheirana região,
respeitada Por sábia conselheira.

Aprendeu a ler na rima
Tudo que queria rimar:
As brincadeiras histórias
Que ouvia vovó contar.
Com tambor e Maracá
De música foi gostar.

Contava para vovó,
Que dizia “vá sem medo,
O tempo que vai chegar
Deserdará o segredo.
Escuta, aprenda, pratique
Vai precisar logo cedo”.

(TABAJARA, 2018, p. 8-10-12)

Assim como Eliane Potiguara retrata sobre a avó no livro *Metade Cara, Metade Máscara*: Aprendi com minha avó indígena, com Salvador Dali e Paulo Freire a reconstruir uma imagem de nós mesmos, desconstruir imposições e a reconstruir nosso discurso. Nós – povos indígenas – precisamos nos salvar, antes mesmo que a demarcação das terras chegue no seu contexto. (POTIGUARA, 2018, p. 105-106).

Na literatura indígena e na literatura africana os avós não são apenas transmissores de conhecimento, mas símbolos de resistência da mulher diante das atrocidades e disseminação das pessoas de seu povo, de sua etnia.

Na literatura infantil a velha (avó) sempre foi vista como doce e confiável, um exemplo é o conto da *Branca de Neve* que deixa a velha senhora entrar porque parece doce e incapaz de fazer qualquer maldade, no conto de *João e Maria* eles foram enganados por uma doce velhinha que lhes ofereceu comida e proteção, mesmo que depois era apenas uma bruxa, foi com a imagem de uma velhinha que ela os conquistou.

No conto original *A Pequena Vendadora de Fósforos*, de Cristian Andersen, a pequena menina, encontra o refúgio final de sua vida ao encontro acolhedor e protetor de sua avó. Uma avó que no conto é vista ou como uma miragem no último segundo de vida da criança, por ser a única que já tinha amado aquela menina, ou um espírito que vem buscá-la para acabar com o seu sofrimento.

- Vovó! - gritou a pobre menina. - Leva-me contigo, sei que quando o fósforo se apagar vai desaparecer, como sumiram a estufa quente, o ganso assado e a linda da árvore de Natal. E a coitadinha pôs-se a riscar na parede todos os fósforos da caixa, para que a avó não se desvanecesse. Eles ardiam com tamanho brilho que parecia dia e nunca ela vira a vovó tão grandiosa nem tão bela! E ela tomou a neta nos braços e juntas voaram, em um halo de luz e esplendor, mais alto, longe da Terra, para um lugar onde não há mais frio, nem fome, nem sede, nem dor, nem medo, porque elas estavam agora, com Deus. (ÁVILA, 2019, p. 314-315-316)

Alguns livros da literatura apresentam os avós rabugentos e resmungões, mas ao final são mostrados, protetores, acolhedores, uma ponte entre as crianças e os seus pais.

4. A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM AVÓ: OS ARQUÉTIPOS EM CONTEXTO

As duas crônicas estudadas estão repletas de simbologias que refletem os arquétipos junguianos, a crônica “Ás árvores filhas” é toda traçada na comparação da representação feminina, seja da mulher ou da avó relacionada a imagem da árvore. A árvore citada é a *Choupo*, esta que é normalmente conhecida como álamo, de acordo com Patro (2015), “O álamo é uma árvore decídua, de porte médio a grande, que chega a alcançar 30 metros de altura. É uma espécie de talhe elegante, com tronco ereto e copa mais ou menos densa, de forma oval”, desse modo, concluímos que se trata de uma árvore grande, majestosa e muito utilizada em jardins da Europa, o que a torna um ornamento refletivo da comunidade familiar.

Um aspecto interessante sobre esta árvore de acordo com o site *PictureThis* é que “antigamente, escudos eram feitos com madeira de choupos. Com importância artística e cultural ao longo da história, eles hoje são objeto de estudo por seu potencial para a produção de energia”, essa energia é expressa na crônica quando a autora diz, “por baixo da terra a árvore vulnerável abriga “uma árvore oculta”, feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis” em seguida compara com a mulher, “por baixo da terra existe “uma mulher oculta” que cuida do estopim dourado, aquela energia brilhante, aquela fonte profunda que nunca será extinta” (Estés, 2007. p.20), ou seja, apresenta uma relação de energia espiritual com a potencialidade da energia da árvore em questão. Este ponto da narrativa é uma reflexão simbólica importante porque traz a condição da mulher na sociedade, aquela que tem internas raízes fortes e é capaz de superar os obstáculos.

Na mesma crônica, um pouco mais à frente ela faz a relação dessa energia armazenada com o inconsciente psicóide em Jung, “Jung descreveu o inconsciente psicóide como um lugar na psiquê em que a psicologia e a biologia poderiam se influenciar mutuamente”, e reflete “na verdade, porém permanece misteriosa para nós as origens desta força, dá uma vida mais plena, uma vida em que as árvores filhas crescem direto da raiz da mãe sábia”. (Estés, 2007. p.30). Mais uma vez a autora traz a simbologia arquetípica da árvore, mas agora para mostrar a importância da avó como mãe sábia, que adquire sabedoria ao passar dos anos e repassa para as suas filhas, a sabedoria da mulher em hereditariedade do conhecimento ancestral.

Segundo Corrêa (2016) “A Árvore da Vida era vista como a mãe primordial, um elemento feminino que gerava e distribuía a vida e tinha ainda o dom de atribuir a palavra”. Uma simbologia arquetípica que Estés traz na narrativa após a árvore ser derrubada e nascerem galhos no cepo que ficou “do cepo liso sobre o qual a árvore viva um dia se erguera, cresceram 12 rebentos a partir da velha árvore avó” (Estés, 2007. p. 26). A autora mais uma vez faz a comparação com a mulher ao dizer “quanto a qualquer mulher arrasada, quem poderá um dia começar a avaliar que grande vida acabará por brotar dos seus cortes dos seus ferimentos sempre estará à procura de vida significativa a céu aberto” (Estés, 2007, p. 27).

Desse modo, a árvore é simbolicamente essa avó que tem a capacidade de compartilhar a palavra do conhecimento e a mãe, a mulher é um ser capaz de juntar suas feridas e se recompor mesmo diante de tantas atrocidades que conhecemos na sociedade, a injustiça, o preconceito, desigualdade remunerativa empresarial, o estupro entre outras situações que elas sofrem, mas levantam a cabeça e renascem, além de gerar a vida em seus ventres e da continuidade a humanidade.

Dentro da visão de avó nesta parte da crônica, encontramos o arquétipo do velho sábio, que segundo Pearson (2001, p. 96), “tem o desejo da descoberta da verdade, usa a análise e a inteligência para compreender o mundo, busca informação, conhecimento, autorreflexão, compreensão dos processos de pensamento e tem o dom da sabedoria e inteligência”, este arquétipo vai ser apresentado por Jung como um espírito que representa a psiquê humana.

A ideia de que a psique é um espírito está implícita nisso. Quando algo de psíquico ocorre no indivíduo e este sente que o fenômeno lhe pertence, trata-se de seu próprio espírito [...] O espírito corresponde à atitude subjetiva, ao espírito da época ou à

disposição originária ainda não humana, antropeide, que também chamamos inconsciente. [...] O arquétipo do espírito sob a forma de pessoa humana, gnomo ou animal manifesta-se sempre em situações nas quais seriam necessários intuição, compreensão, bom conselho, tomada de decisão, plano, etc., que, no entanto, não podem ser produzidos pela própria pessoa. (JUNG, 2000, p. 207- 208-213).

Espírito esse representado no arquétipo da avó nesta crônica, em que diversas vezes vai ser citado pela autora como espírito, “É difícil matar a vigorosa carapaça de um espírito altaneiro” (Estés, 2007. p. 23).

Ainda em relação a esta reflexão simbólica, encontramos uma parte da crônica que traz outro ângulo desta gestação de vida, a vida das ideias, elaboradas por mulheres que mudaram o mundo como Gertrude Belle Elion que formulou o remédio que suavizava os sintomas de doenças como Leucemia, Herpes e Aids, ou Maria Beasley que inventou o bote salva-vidas, entre outras mulheres como conhecemos na literatura brasileira como Clarice Lispector, Adélia Prado, Cecília Meireles, entre tantas outras que apresentaram ideias revolucionárias. Isso é visível quando a autora diz “Se ela prestar atenção, se escutar, obterá ‘ideias’, em outras palavras ‘filhas’ brotarão dela na forma de ideias novas e brilhantes por uma vida maior e com mais significado” (Estés, 2007. p. 29).

Ao longo da crônica a autora faz uma comparação entre a mulher, a mãe e a avó trazendo a representação do feminino de uma outra forma que estamos acostumados a ver em alguns textos literários, ao invés da mulher que sofre, que é silenciada e diminuída perante o homem, temos uma mulher guerreira, que ressurgue da machada, capaz de passar pelos empecilhos que são impostos a ela, assim como a árvores que são derrubadas, conseguem se reerguer e dar frutos de conhecimento, por meio de ideias que ficam para a posterioridade.

A representação da mulher na sociedade é muito forte, nesta crônica, são avós que gestam filhos de suas raízes para eternizar sua existência e passam o conhecimento ancestral por meio da palavra ou a seiva com todos os nutrientes do ventre da terra.

Na segunda crônica “*Las abuelitas: as grandes vovozinhas. A velha mítica. De que modo ela é perigosa? De que modo é sábia? Ela é mutilada. Cresce de novo. Ela morre. E cresce de novo. Ela ensina as jovens a fazer o mesmo. Acrescentar audácia. Acrescentar dança*”, a autora apresenta através do personagem da avó vários arquétipos descobertos por Jung.

O primeiro arquétipo presente nesta obra está expresso na primeira estrofe: “Há grandes avós selvagens que tem o cabelo verde e os cílios turquesa, com sapatos de todas as cores, que viajam por toda parte para fazerem as meninas entenderem que são bonitas”, temos a presença do arquétipo explorador. (Estés, 2007, p. 34).

O explorador tem o desejo básico de liberdade para descobrir quem você é, mediante exploração do mundo, tem a meta de experimentar uma vida melhor, mais autêntica e mais gratificante e utiliza a estratégia de viajar, buscar e experimentar coisas novas, também é conhecido como aventureiro e andarilho. (PEARSON, 2001, p.80).

Uma avó que busca viajar para ter novas descobertas e assim repassar o conhecimento para as meninas. Já o arquétipo do velho sábio é encontrado em várias partes desta crônica, “Há as (grandes avós de avental), que sabem de tudo sobre fartura e carestia e são as portadoras de alimento para o corpo e para a alma”, “como muitas avós, ela sabia de coisas que ninguém pode questionar, a menos que esta pessoa esteja totalmente enlouquecida”, “escolher torna-se mais sábia significa sempre escolher aprender de novo, independentemente da idade, condição ou situação, o espírito da avó significa ensinar” (Estés, 2007. p. 34-39-42).

Esses fragmentos do texto, mostram que o arquétipo da avó está presente em diversas mulheres à medida que ela explica o sentido de ser sábio independente da idade, como podemos

ver abaixo, ser sábio apresenta níveis e o da avó seria o mais alto grau de conhecimento, uma vez que, já vivenciou muitas experiências.

O sábio também é conhecido como especialista, erudito, detetive, oráculo, analista, conselheiro, filósofo, pesquisador, pensador, planejador, profissional, mentor, professor e contemplativo. Sua maior motivação é a confusão, dúvida, desejo profundo de encontrar a verdade e apresenta níveis de intensidade: no primeiro nível busca a verdade absoluta, tem objetividade, no segundo nível apresenta pensamento crítico inovador e no terceiro nível já tem a sabedoria, confiança e maestria. (PEARSON, 2001, p. 96-97).

Por isso o arquétipo avó é tão relevante para todas as crônicas neste livro, mas principalmente nesta que reflete os diversos tipos de espaço feminino, jovem, adulta ou velha, espaços da psiquê presentes em diversas mulheres, pois cada um tem um arquétipo da avó em seu inconsciente coletivo, precisa apenas encontrá-lo.

Agora encontramos um arquétipo que é essencial para a construção de uma personalidade como a da avó, se trata do arquétipo governante, identificado no seguinte parágrafo “Ela pode ser aquela que cozinha como um anjo e ao mesmo tempo ameaça usar cinta reforçada, cheia de botões pendurados e ganchos de metal para as meias como um estilingue para atingir quem não se comporta com o devido respeito” (Estés, 2007, p. 40).

O governante tem o desejo básico de controle, com uma meta de criar uma família próspera e bem sucedida, apresentando a estratégia de liderança. O governante também é conhecido como chefe, o líder, o aristocrata, o pai (mãe) o político, o cidadão responsável, o exemplo, o gerente ou administrador. (PEARSON, 2001, p. 252)

Assim como o governante centrado, respeitador e que prioriza a ordem, temos a avó que traz o arquétipo oposto em sua personalidade, trata-se do arquétipo rebelde. Dentro desta crônica a autora conta uma história de uma senhora que conheceu e estava internada em um hospital, no qual ela acredita que os médicos estavam equivocados com sua doença e ela conhecendo o seu corpo sabia melhor do que eles o que precisava para melhorar, agindo inconscientemente como arquétipo rebelde encontrado nos seguintes parágrafos: “no entanto a velha era rebelde e descrevia sua enfermidade como (uma doença de calor), provocada por um acesso de raiva, naquele caso tendo como motivo uma pequena desavença com uma vizinha algum tempo antes”, “Ahhhh! Ela abriu o roupão e lá estava ela, (A madona nua como veio ao mundo), de pé no meio dos cobertores e de roupão caídos na neve, tendo ao seu redor só neve derretida e gelo” (Estés, 2007, p.35).

O fora-da-lei tende a ser provocado quando ele se sente desprezado como pessoa, tem a meta de destruir aquilo que não funciona (para ele ou para a sociedade), usa a estratégia de chocar com atitudes radicais. O fora da lei é conhecido como rebelde, revolucionário, desajustado.[...] quebram as regras ultrapassadas de um modo que parece libertador para as pessoas. (PEARSON, 2001, p. 132-133-134).

Contudo, as avós tanto na vida real, quanto nos contos mitológicos apresentam a capacidade de pressentir coisas ruins que vão acontecer, ou saberem exatamente como tratar algumas doenças com elementos simples que existem em sua casa, por isso, muitas vezes são chamadas de curandeiras ou mágicas.

Encontramos nos fragmentos abaixo exatamente o arquétipo que Jung vai chamar de Mago. “A vovozinha humana, é uma combinação de características e qualidades que para a família ao seu redor, costumam também parecer mágicas. Pode ser seu conhecimento de herbais, as plantas que ajudam e curam o corpo e o espírito”, “Às ferramentas básicas que a avó arquétípica usa para a transformação não mudam há milhares de anos. A luz do lampião. Uma

única vela. A música. O ritual. A intuição. A sopa. O chá. A capacidade de examinar os outros e ler sua alma”, “Nos mitos, como a curandeira, que mora em algum lugar muito afastado, ela é a avó querida e prendada que produziu o pão do amor”. (Estés, 2007, p.39),

O Mago é também conhecido como visionário, catalisador, inovador, líder, carismático, mediador, xamã, agente de cura ou curandeiro. [...] Suas motivações são pressentimentos, experiências extra-sensoriais e seus níveis de desenvolvimento são: no primeiro nível momentos mágicos e experiências de transformação, no segundo a experiência de fluxo e a terceira milagres. (PEARSON, 2001, p. 152- 153).

Um arquétipo que sempre aparece nesta crônica é o prestativo, pois a avó também é aquela pessoa que se dedica aos outros, que tem compaixão, que se sacrifica como vemos nos seguintes parágrafos da crônica:

Um dos grandes aspectos predominantes de uma vovozinha nos mitos e histórias é que na maior parte das vezes ela dedica seu coração aos jovens, "que ainda não conhecem a vida plena", “as avós ainda consideram que o amor profundo é a maior cura e o objetivo supremo, o maior cultivador da alma”, “mesmo que não seja inteiramente certo ou seguro, um ato que encarna a vida da alma, a compaixão, um ato de amor”. (Estés, 2007, p.40-41-43).

O prestativo é aquele que tem o desejo básico de proteger os outros do mal, sua meta é ajudar os outros e faz as coisas pelos outros, diante disso, apresenta compaixão e generosidade. [...] Também é conhecido como altruísta, o santo, o pai (mãe), o ajudante, o cuidador ou apoiador. (PERSON, 2001. p. 218).

Todos esses arquétipos apresentados por Jung (2000) e evidenciados em Pearson (2001), são imagens arquetípicas que representam o simbólico ligado ao meio histórico e cultural, ambos ligados a psiquê e aos mitos históricos, logo, o ser humano terá as suas ações em volta do seu inconsciente pessoal que parte das experiências vividas e do seu inconsciente coletivo que é buscado nos arquétipos.

Os arquétipos se dividem fenomenologicamente em duas categorias: uma instintiva e outra arquetípica. A primeira é constituída pelos impulsos naturais, e a segunda pelas dominantes que irrompem na consciência como ideias universais. (JUNG, 2000, p.79)

Segundo Jung (2000), os arquétipos são padrões inatos de comportamento, percebidos em diversas culturas e épocas históricas, desse modo, vemos esses padrões dos arquétipos identificados por meio da personagem avó contemplada nestas crônicas por Estés na literatura contemporânea, uma mulher que não baixa a cabeça, luta pelas suas opiniões, defende as pessoas que ama e consegue ser em várias faixas etárias da vida, dentro do seu inconsciente coletivo, um governante, um velho sábio, um explorador, um mago, mas em sua personalidade também tem a mulher rebelde.

Um aspecto importante das duas crônicas são os símbolos utilizados nelas, na primeira crônica o símbolo principal trata-se da árvore que já discutimos bastante na primeira análise, mas na segunda crônica aparece o símbolo da vela, quando a autora diz: “Elas acreditam que uma pequena vela, aquela única velinha brilhante do amor no seu coração, pode manter o mundo conturbado iluminado de um modo que faça diferença” (Estés, 2007, p.40).

Conforme Jung (2016), As velas, nas cerimônias de Natal, simbolizam a luz divina, como na festa sueca de Santa Lúcia, onde os jovens usam coroas de velas iluminadas. Neste caso a simbologia utilizada é de iluminação divina, logo, relacionamos esta luz como uma

esperança e conexão com a espiritualidade, mas não podemos esquecer que Jung também chama os arquétipos em algumas situações do seu livro de espírito. Ou seja culturalmente estaria relacionado ao divino e miticamente ao arquétipo cultural da sabedoria.

Jung também explica a importância de pesquisar sobre a imagem coletiva para compreender a importância da mitologia.

Quanto mais pesquisamos as origens de uma “imagem coletiva” (ou, em linguagem eclesástica, de um dogma), mais vamos descobrindo uma teia de esquemas de arquétipos aparentemente interminável que, antes dos tempos modernos, nunca haviam sido objeto de qualquer reflexão mais séria. Assim, paradoxalmente, sabemos mais a respeito de símbolos mitológicos que qualquer outra das gerações que nos precederam. A verdade é que os homens do passado não pensavam nos seus símbolos. Viviam-nos, e eram inconscientemente estimulados pelo seu significado. (JUNG, 2016, p.141).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *A Ciranda das Mulheres Sábias* é uma obra literária ficcional que apresenta como personagem principal a avó, contudo, isto não é atoa, acontece que os idosos são muito respeitados em algumas culturas, são símbolos de conhecimento, força e sabedoria, considerados anciãos, ou até mesmo divindades.

A autora a partir das suas crônicas, mostra diversas personalidades diferentes que podemos encontrar em uma mulher, seja qual for a sua idade, essas características estarão presentes devido aos arquétipos, um tema que está ligado a vida da autora, uma vez que, trata-se de uma psicóloga, que bebeu na fonte do psicanalista JUNG, sobre o estudo do inconsciente coletivo e os arquétipos. Além disso, como foi explicado no começo do trabalho ela passou por diversas situações de adoção e assim, explicou por muitas culturas em sua infância, por isso ela busca mostrar os arquétipos por trás da construção das personagens em sua obra.

Segundo Jung (2000), os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos.

Portanto, compreendemos que os conteúdos do inconsciente pessoal são os sentimentos, enquanto os conteúdos coletivos são os conceitos ou ideias internalizadas hereditariamente e são utilizados sem termos consciência de sua aplicação, pois os arquétipos são estruturas, não modelos, e são utilizados por pessoas diferentes com a mesma estrutura, com utilizações de acordo com suas experiências pessoais, por isso a importância de usar o arquétipo da avó através do inconsciente em qualquer idade no desenvolvimento das situações cotidianas.

O livro apresenta a avó como símbolo da sabedoria da mulher e que está presente em todas as mulheres, dentro do seu inconsciente, com isso, a autora apresenta a função da mulher na vida, viver plenamente e com sabedoria para que possa influenciar as pessoas que estão ao seu redor ao serem vistas como inspiração.

Acreditamos que o estudo da personagem da avó nesta obra é relevante para a literatura, pois ressalta a importância dos arquétipos para a construção da personalidade da personagem, além disso, enfatiza a importância da avó na literatura de outras culturas, mostrando que o idoso deve ser amado e respeitado.

REFERÊNCIAS

ÁVILA. et al. **Contos de fadas em suas versões originais**. Edição de colecionador. SãoCaetano do Sul, SP: Wish, 2019.

COUTO, Mia. **Estórias Abensonhadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

CORRÊA, Rosângela. A Árvore da Vida. **Psicoterapia – Psicologia Junguiana**, 2016. Disponível em: <https://psicoterapiajanguiana.com/tag/arvore-da-vida/> . Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

Choupos. **PictureThis**, 2023. Disponível em: https://www.picturethisai.com/pt/wiki/Populus_balsamifera_subsp._trichocarpa.html. Acesso em: 28 de Janeiro de 2023.

Clarissa Pinkola Estés: psicóloga junguiana e escritora. **Projeto de Mãe**, 2021. Disponível em: <https://www.projetedemae.com.br/2021/10/clarissa-pinkola-estes.html>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

JUNG, Carl Gustav, (2000). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / CG. Jung ; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Perrópolis, RJ : Vozes, 2000.

PATRO, Raquel. Álamo – Populus nigra. **Jardineiro.net**, 2015. Disponível em: <https://www.jardineiro.net/plantas/alamo-populus-nigra.html>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

PEARSON. **O herói e o fora da lei.**: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

POTIGUARA, Eliana. Metade cara, metade máscara / Eliane Potiguara. Rio de Janeiro, RJ – 3ª Edição revisada – Grumin, 2019.

REZENDE. **Para conhecer um país em construção: Mia Couto e seu olhar para Moçambique**. Tese (Mestrado em Letras) – 1. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2012.

SILVA, Ana Cláudia da. **Cecília e Carolina: a representação das avós em Luandino Vieira e Mia Couto**. In: XIV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2015, Belém. Abralic - XIV Congresso Internacional "Fluxos e Correntes: trânsito e traduções literárias" - Caderno de Resumos. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015.

TABAJARA, Auritha. Coração na aldeia, pés no mundo. Lorena: UK'A Editorial, 2018. ávilacontos originais.